

A extensão rural no Brasil; um projeto educativo para o capital

FONSECA, Maria Teresa Lousa.
*A extensão rural no Brasil; um projeto
educativo para o capital.* São Paulo,
Loyola, 1985.

Educação rural lembra "a escolinha cai-não-cai, ali num canto da roça, a professorinha dali mesmo, os recursos, tudo como é o resto da regra do pobre. Um ano, dois, nem três", como nos diria Ciço, lavrador das Minas Gerais. Não é dessa pobre educação de que nos fala Maria Teresa.

Há décadas, nos campos do Brasil vem se fazendo uma educação não tão pobre, com recursos das agências financeiras internacionais, com o apoio do Estado e com técnicos e educadores bem mais qualificados, remunerados e equipados do que a professora leiga do lugar.

Este livro reconstrói a história dessa outra educação do homem do campo. Relato que não faz parte dos compêndios oficiais de história e que deveria ser conhecido pelo professor, pelo especialista e pelos técnicos das DR, das SEE e do MEC.

O livro chega em um momento, em que inúmeros educadores, extensionistas, agrônomos, assistentes

sociais questionam seu trabalho em programas de desenvolvimento rural e de educação integrada e nos coloca questões.

Por que, enquanto a escolinha rural é esquecida, outros programas educativos recebem apoio do capital e do Estado como projetos alternativos do campo?

Que interesses teriam as agências internacionais e os gerentes dos interesses econômicos nesses programas educativos?

Que papel sociopolítico cumprem os técnicos, extensionistas e esses novos educadores que a escolinha e a professora rural não cumpriram?

Maria Teresa, reconstruindo com clareza a história dessa outra educação, nos ajuda a entender essas questões e descobre as raízes do fracasso da escola rural e de sua negação para o homem do campo. Ajuda-nos a superar o mito de que o capital e seu Estado esqueceram-se de educar o povo e que a solução seria, neste momento, acordar os esquecidos. O trabalho de Maria Teresa mostra que o capital sabe e não esquece que não é suficiente substituir a enxada pela máquina. É necessário um projeto educativo que "faça" o trabalhador para os interesses do capital, que o reedueque para as novas relações sociais. Não faltaram recursos, métodos e educadores qualificados para essa empreitada. Enquanto esses projetos educativos para o capital forem eficazes, a escola rural e seus profissionais continuarão esquecidos.

Felizmente o povo é agente de história, não se esquece de seus direitos e vem lutando por um projeto de educação escolar a serviço de sua luta contra o capital. O livro mostra caminhos para os que acreditam na construção de um projeto educativo para o trabalhador.

Miguel G. Arroyo
Professor Titular - FaE/UFMG